

Eis a Minha Glória

**Estudos sobre a
glória de Cristo
no Evangelho de S. João**

Harold St. John

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

EIS A MINHA GLÓRIA

Harold St. John

Estudos sobre a glória de Cristo
no Evangelho de S. João

1ª edição brasileira: 1955

2ª edição brasileira: junho de 2014

Tradução: E. Percy Ellis

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN: 978-85-7558-105-6

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS - Editora Ltda.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - Brasil

Endereço Eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

INTRODUÇÃO

Mesmo uma leitura de relance nos convence de que, passando das três primeiras narrativas da vida de Jesus para a quarta, respiramos uma atmosfera nova. É como passar do reboiço de uma feira para a tranquilidade de um claustro, embaciado pela antiguidade; ou deixar a estrada poeirenta para descansar um pouco entre pastos verdes e águas mui tranquilas.

Mas, para os que amam a Jesus Cristo, os escritos de S. João, o apóstolo, possuem um encanto e distinção todo seus. Isto porque o escritor teve não somente a oportunidade de passar três anos em contato íntimo com seu Mestre, mas uns sessenta anos de meditação e reflexão se passaram antes que “o discípulo a quem Jesus amava” derramasse o fruto maduro destas meditações em pergaminho, “movido pelo Espírito Santo”.
(1)

Cremos que a prova de tempo conferiu ao evangelho de S. João a primazia entre os quatro. Não nos atrevemos a dizer, com Martinho Lutero, que deve ser preferido a todos os outros livros da Bíblia! Definitivamente, não! Cada um dos sessenta e seis livros das Escrituras brilha com sua luz peculiar. Mas, se o de São Mateus constitui o livro mais importante do mundo e o de São Lucas prima pela sua beleza, certamente, pela profundidade de pensamento e riqueza da sua mensagem, o de São João é único.

Logo nos impressiona o fato de que um grande número de personalidades e incidentes, com os quais nos familiarizamos nas três primeiras narrativas, não se encontram na quarta. Nos três chamados “sinóticos” (2), ouvimos muito dos escribas, mas S. João nem sequer fala neles (salvo em 8.3, que é uma exceção).

S. Marcos está cheio de casos de atividade de demônios e o de S. Mateus e de S. Lucas fazem referências constantes ao assunto; mas, pela ausência de tais referências, poderíamos concluir que S. João nunca ouvira falar em coisa semelhante.

É verdade que a palavra “demônio” se encontra sete vezes no seu evangelho, mas sempre como um insulto atirado com ira contra o Senhor mesmo! (“Tens demônio” (8.48), “Ele tem demônio” (10.20).

A lepra e a purificação de leprosos aparecem várias vezes nos três primeiros. S. Lucas, em especial, recorda numerosos casos de purificação; S. João nem sequer uma vez se refere aos leprosos ou à lepra.

Consta que o Senhor pronunciou cerca de trinta e seis parábolas, mas nenhuma destas se encontra no quarto evangelho; ainda mais, a palavra comumente usada para parábola não ocorre no livro de S. João.

Os evangelhos sinóticos descrevem um grande número de milagres feitos por Cristo, mas S. João evita a palavra empregada pelos outros três evangelistas e a substitui por outra mais profunda, mais rica: “*senal*”. Dos sete que ele escolhe para ilustrar o ministério falado de Cristo, cinco são peculiares ao seu Evangelho.

Finalmente, uma análise cuidadosa revela que apenas sete por cento da matéria de S. João se encontra nos outros Evangelhos ou, para expressar a mesma verdade em outras palavras, noventa e três por cento lhe é peculiar.

Isto nos leva ao trabalho de procurar as características salientes deste escritor e destas parece haver três.

Primeiramente, seu estilo literário se destaca pela grande simplicidade de expressão e a economia surpreendente de palavras. Com intenção deliberada limita seu vocabulário escolhendo uns poucos substantivos fortes, familiares, tais como vida, luz, amor, Pai, mundo e mais alguns verbos cheios de vigor: crer, viver, salvar e testemunhar. Estas palavras singelas são os servos de sua pena e ele lhes dá o que fazer, servindo-se delas centenas de vezes, até que, pela repetição constante, ele grava a fundo seus pensamentos inspirados na mente de seus leitores.

Em segundo lugar, dentro deste quadro de palavras, há uma profundidade de pensamento. As palavras da mulher junto ao poço de Jacó podiam bem servir de título ao livro inteiro: “*Senhor, o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva?*” (4.11).

Em terceiro lugar, não nos escapa a modéstia sincera do escritor, escondendo sempre sua identidade. Com todo cuidado evita introduzir o seu próprio nome e em lugares onde dificilmente poderia evitar de revelá-lo, dirige a atenção, não para si mesmo mas para o Nome de Alguém a quem ama acima de todos os outros, chamando-se “*o discípulo a quem Jesus amava*” (20.2).

Nos quatro estudos que se seguem, tenho escolhido uma palavra bem estimada por João, o substantivo “*glória*”, com o verbo correspondente, “*glorificar*”, e tenho examinado o uso neste Evangelho.

A palavra grega se encontra em nossa palavra “doxologia” (“uma palavra a respeito de glória” ou uma fórmula para louvar a Deus) e na palavra “heterodoxia” e seu contrário, “ortodoxia”.

O sentido antigo da palavra grega foi “uma opinião ou avaliação formada a respeito de uma pessoa ou coisa”. Por transição fácil, foi usada mais tarde (como em o Novo Testamento) para descrever qualquer feição saliente ou excelência suprema encontrada em algum objeto.

A “glória” pode ser baixa ou sublime, verdadeira ou falsa, ou mesmo destituída de qualquer caráter moral. Os dois usos (alto e baixo) podem ser encontrados em 5.44: [traduzida por “honra” em certas versões e “glória” em outras: “*Aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único*”.

Segundo as Escrituras, a glória do leopardo está nas suas pintas, a glória de um moço na sua força, a dos filhos nos seus pais e a de uma mulher nos seus cabelos (Jeremias 13. 23; Provérbios 20.29; 17.6; 1 Coríntios 11.15).

Em sentido mais alto, os “*mensageiros das igrejas*” eram a glória de Cristo; distribuíram as dádivas dos crentes da Macedônia refletindo, desta maneira, alguma coisa da luz da glória de Deus brilhando no rosto de Jesus Cristo (2 Coríntios 8.23 e 4.6).

Acima de tudo, Cristo mesmo é a glória de Deus, a excelência do Deus invisível tornada visível na vida e morte de nosso Senhor Jesus.

Porém, antes de iniciar o nosso estudo, nos convém curvar os nossos corações num ato de homenagem perante Deus, suplicando, como fez Moisés há tanto tempo: “*Rogo-Te que me mostres a Tua glória.*”

A palavra que escolhi ocorre quarenta vezes, dezoito como substantivo e vinte e duas como verbo. A primeira cláusula de João 13. 32 é omitida por muitas autoridades: “*Se Deus foi glorificado nEle*”.

Aceitando esta emenda, o total seria de trinta e nove.

S. João agrupou ocorrências destas duas palavras sob quatro títulos. O primeiro grupo trata da existência eterna de nosso Senhor. Dezesete vezes S. João afirma, diretamente ou indiretamente, que Jesus Cristo tinha uma existência, pessoal e consciente, com o Pai, antes dos “*dias da Sua carne*”.

O segundo grupo se ocupa com o caminho de luz trilhado pelo Filho de Deus ao atravessar as planícies do tempo. O terceiro revela o segredo de Sua morte sacrificial e o quarto trata das glórias da Sua vida ressuscitada, ressurreição, ascensão e intercessão atual a nosso favor em vista da Sua volta.

Os quatro assuntos podem ser dados em resumo:

**A GLÓRIA DA SUA PREEEXISTÊNCIA,
A GLÓRIA DAS SUAS PISADAS,
A GLÓRIA DA SUA PAIXÃO,
A GLÓRIA DA SUA PREENINÊNCIA.**

.oOo.

ESTUDO 1

A GLÓRIA DA SUA PREEEXISTÊNCIA

ESTUDO 1

A GLÓRIA DE DEUS REVELADA NA PREEEXISTÊNCIA DE CRISTO

Passagens no evangelho de S. João sobre este assunto:

1.1-3 No princípio era o Verbo... todas as coisas foram feitas por intermédio dEle.

1.14 O Verbo Se fez carne e tabernaculou entre nós, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai.

1.18 Eu vim de Deus.

8.56 Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o Meu dia.

8.58 Antes que Abraão existisse, Eu sou.

12.41 Isto disse Isaías porque viu a glória dEle e falou a Seu respeito.

13.3 Ele viera de Deus e voltava para Deus.

16.27 Me tendes amado e tendes crido que Eu vim da parte de Deus.

16.28 Vim do Pai e entrei no mundo.

17.5 A glória que Eu tive junto de Ti, antes que houvesse mundo.

17.24 Me amaste antes da fundação do mundo.

Nota A – É claro que o escritor que registrou estas palavras de nosso Senhor cria que Sua unidade com o Pai envolvia identidade de Ser. Com igual clareza ele dá testemunho que são Pessoas distintas, que permite livre expansão entre o Pai e o Filho (8.42; 16.26-27; 3.35; 5.20).

Nota B – O leitor cuidadoso não deixará de notar a escolha que S. João faz das preposições em tratar deste assunto solene: O Filho saiu:

1- da presença de Deus (13.3; 16.30);

- 2- de comunhão com Deus (16.27)
- 3- do Ser eterno, essencial do Pai (8.42; 16.28); da Sua própria substância;
- 4- de ficar diante de Deus, como que face a face; o Verbo estava com Deus.

A – COMO A PREEXISTÊNCIA DO FILHO COM O PAI SATISFEZ O CORAÇÃO E A MENTE TANTO DE S. JOÃO COMO DE SEUS AMIGOS (1.18).

Ao procurar penetrar na significação da encarnação de nosso Senhor, podemos afirmar com reverência que o Verbo – a Palavra – ao fazer-Se carne, tornou-Se o que nunca antes havia sido, isto é, homem, permanecendo ainda o que havia sido por toda a eternidade, isto é, Deus. Este milagre notável se fez ver numa só Pessoa, Jesus de Nazaré, a cujo Nome e Vida as portas da história e do destino humano para sempre têm de se abrir e fechar.

O sinal da manjedoura e das faixas fora dado pelos anjos aos pastores; simbolizaram os dois lados da Sua humilhação. Primeiro, não havia lugar para Ele na estalagem; nasceu numa dependência nos fundos da casa; aprendemos, mais tarde, que não houve lugar para Ele no mundo que criara (João 1.10). E as faixas ou fraldas (confira a maternidade na grande alegoria no livro de Jó 38.8-11) prefiguravam a vida angustiada que tomou sobre Si, até a hora de Seu livramento, quando ressuscitou dos mortos e voltou para a glória de onde veio.

Nunca poderemos sondar todo o mistério da manjedoura e das faixas até que saibamos alguma coisa da glória preexistente do Filho.

O apóstolo João, mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento, desvenda os segredos do Verbo feito carne. Só ele nos fala da túnica sem costuras, sinal da glória íntegra e indivisível da Sua Pessoa; e só ele relata o incidente da lança que feriu o lado do Salvador, símbolo da estrada aberta, conduzindo-nos ao próprio coração de Deus.

João pôde aprender e ensinar tais coisas porque tinha visto “*a Sua glória, glória do Unigênito Filho com o Pai*” (11.14).

De passagem, notemos que o Senhor Jesus leva dois títulos ligados com “nascimento”. Ele é o “*unigênito*” e o “*primogênito*”; cada um destes títulos foi-Lhe dado cinco vezes em o Novo Testamento e é importante distingui-los.

O termo “*unigênito*” é peculiar ao evangelho segundo S. João (1.14, 18; 3.16, 18; 1 João 4.9) e apresenta nosso Senhor como estando à parte de todos os demais; é visto na Sua relação essencial, não compartilhada com outros, com o Pai. Na vida que compartilhou com Deus, antes da criação e nela, duas Pessoas divinas se nos apresentam, face a face, vinculadas pelo laço, nunca quebrado e inquebrantável, do amor.

“O Senhor me possuía no início de Sua obra, antes de Suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra. Antes de haver abismos, Eu nasci, e antes de haver fontes carregadas de águas. Antes que os montes fossem firmados, antes de haver outeiros, Eu nasci. Ainda Ele não tinha feito a terra, nem as amplidões, nem sequer o princípio do pó do mundo. Quando Ele preparava os céus, aí estava Eu; quando traçava o horizonte sobre a face do abismo; quando firmava as nuvens de cima; quando estabelecia as fontes do abismo; quando fixava ao mar o seu limite, para que as águas não ultrapassassem os seus limites; quando compunha os fundamentos da terra; então, Eu estava com Ele e era Seu arquiteto, dia após dia, Eu era as Suas delícias, folgando perante Ele em todo o tempo; regozijando-Me no Seu mundo habitável e achando as Minhas delícias com os filhos dos homens” (Provérbios 8.22-31).

Quando falamos do Senhor como sendo o “*primogênito*”, Ele não fica só, mas como o líder de uma longa linha da família dos fiéis, “*Eis-Me aqui e os filhos que Tu Me deste*” (Hebreus 2.13). O título é usado por S. Paulo, por S. João e pelo escritor da carta aos Hebreus (Romanos 8. 29; Colossenses 1:15, 18; Hebreus 1.6 e Apocalipse 1. 5).

Ele é o Primogênito entre muitos irmãos, o Primogênito de toda a Criação e o Primogênito dentre os mortos.

Nos dias da Sua carne, João O contemplava como sendo o unigênito, mas, quando Maria de Magdala transmitiu sua mensagem aos irmãos, Ele Se revelou como sendo “*o primogênito dentre os mortos*” e, ao mesmo tempo, o primogênito entre muitos irmãos.

É o primeiro título que cativa a mente de S. João; parece que nele encontra a chave que dá entrada a todos os mistérios da vida. O unigênito Filho, estando no seio do Pai, é Quem já O interpretou. Deus Se esconde no levantar do sol e na Lei; Ele me abre a Sua própria alma na revelação do Cristo.

Se eu desejar compreender a realidade de Seu amor, o Pai certifica-me de que, por amor a Jesus, tenho o meu lugar entre Seus filhos; o Filho me procura através das águas profundas e da noite escura; eu posso abrir a porta do meu ser de par em par ao Espírito, e Ele põe termo aos meus dias de lamentação, enchendo o meu presente e futuro com Sua paz.

Tudo isso, e muito mais ainda, S. João descobriu no Cristo que saiu da eternidade e ensinou-o como realmente era.

B – COMO A PREEEXISTÊNCIA DO FILHO PROPORCIONOU ALEGRIA A ABRAÃO.

No capítulo 8 do evangelho segundo S. João, deparamos com o Senhor Jesus de pé, *“no lugar do gazofilácio, quando ensinava no templo”* (8.20) Ora, a tesouraria era o lugar onde as riquezas materiais de Israel estavam à mostra, a dispensa dos bens da nação.

O Senhor escolheu aquele lugar mesmo para demonstrar a pobreza espiritual do povo aos olhos de Deus. Não foi somente que os dirigentes e os dirigidos estavam igualmente falidos, mas viviam na escravidão de uma tirania tríplice: escravizados pela ignorância (v. 19), pelo pecado (v. 21) e pela morte (v. 24 com Hebreus 2.15).

Contra estas três formas de cativo, Cristo aponta uma liberdade, também tríplice: primeiro a liberdade da verdade, pela qual a ignorância e o erro são vencidos: *“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”* (v. 32). A promessa abrange a liberdade de todas as algemas que amargam e prendem a alma; livramento da servidão dos sentidos, das maléficas forças de hábitos e costumes, do fardo da tradição e do jugo da lei – liberdade em todos os sentidos, perfeita e absoluta, dádiva dAquele que é em Si mesmo a Verdade.

Eles rejeitaram a Sua oferta com desdém, alegando: *“Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém”* (v. 33). Eles fecham os olhos às lições da história, aos fatos a respeito de Faraó, aos dias dos Juizes e ao cativo na Babilônia.

Naquele momento em que falavam, o estandarte romano flutuava sobre a torre do castelo de Antônia, em plena vista da multidão nos pátios do próprio templo.

Em segundo lugar, Ele se propõe libertar os homens da tirania do pecado: *“Todo aquele que comete pecado é escravo do pecado”* (v. 34); então se segue uma nota um tanto oculta: *“O escravo não fica sempre na casa; o Filho, sim, para sempre. Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”* (vs. 34, 35).

O Senhor tem em mente a semente de Abraão (v. 37) e Se refere aos dois filhos, Ismael e Isaque, com suas mães, Agar e Sara. Da primeira estava escrito: *“Lança fora a escrava e seu filho”*; e da última: *“Em Isaque será chamada a tua descendência”*.

O apóstolo S. Paulo desenvolve o tema em Gálatas 4, mostrando que estas coisas são alegoria (v . 24); estas duas mulheres e seus filhos representam dois princípios eternos; uma, a escravidão em que o pecado e a lei nos prendem, e a outra, a liberdade com a qual Cristo nos liberta.

Basta citar o comentário com o qual S. Paulo termina o seu argumento: *“E, assim, irmãos, somos filhos, não da escrava, e sim da livre”*.

Em terceiro lugar, a liberdade final que se lhes oferece: *“Se alguém guardar a Minha palavra, não verá a morte, eternamente”* (8.51). Se aceitarmos a condição simples, única, que Cristo nos propõe, isto é, de entesourar em nosso coração a Sua palavra, Ele nos oferece livramento absoluto do último e grande temor da vida. A morte tem sido derrubada (Apocalipse 6. 8), seu arco quebrado e tirada a sua coroa.

Finalmente, o Senhor expõe a verdade acerca da Sua existência eterna na forma mais convincente. Ele afirma duas coisas. Primeiro, *“Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o Meu dia, e viu-o e regozijou-se”* (v. 56) e, depois, *“antes que Abraão existisse, EU SOU”* (v. 58).

Procuremos imaginar a cena. Temos diante de nós um homem de seus trinta anos, vestido como qualquer camponês, compartilhando com a nossa raça Sua sorte e limitações. E, mesmo assim, oferece a toda a humanidade libertação da nossa ignorância, pecado e morte; ainda mais, Ele declara que Abraão, pai dos fiéis, a Rocha de onde foi talhada a nação, o amigo de Deus, morto havia uns dezoito séculos, tinha de fato visto o dia de Cristo, e que Aquele que lhes falava vivia mesmo antes de Abraão!

Parece haver apenas três explicações possíveis para tais afirmações. Ou eram a verdade e Aquele que as fez era realmente Deus manifesto em carne, igual e eterno com o Pai; ou eram falsas, e quem as pronunciou era ou um maluco ou um embusteiro blasfemo.

O cristão aceita a primeira hipótese, sem restrição ou hesitação e exclama: *“Senhor meu e Deus meu!”* Os cidadãos de Jerusalém tomaram a posição intermediária e disseram : *“Está fora de Si”*. Caifás e seus colegas concordaram: *“Ele blasfemou; que necessidade temos ainda de testemunhas?”*

O ponto é claríssimo. Jesus de Nazaré afirma que, dois mil anos antes de vir a Belém, Ele gozava de uma vida consciente e pessoal; ainda mais, reclama para Si o nome supremo do Eterno revelado a Moisés do meio da sarça no deserto: *“Sou o que Sou”* (Êxodo 3.14). Notem bem, nosso Senhor não disse: Antes de Abraão eu era; aquilo teria postulado apenas uma existência prolongada; mas quando afirmou *“EU SOU”*, Ele postulou uma existência sem limite de tempo.

É de estranhar que os rostos se levantaram em protesto veemente e que o povo lançou mão de pedras para O apedrejar?

Agora, que é que nosso Senhor queria realmente dizer com aquelas palavras: “*Nosso pai Abraão alegrou-se de ver o Meu dia, viu-o e alegrou-se*”? Quando assim se expressou, seus pés estavam no lugar perto do cume do monte em que Abraão esteve pronto a sacrificar o seu filho Isaque. Ali, “*sobre um dos montes*” na terra de Moriá, o patriarca levantou o cutelo para matar o seu filho; no momento crítico, a voz celestial susteve a sua mão e, levantando os olhos, percebeu o substituto divinamente proporcionado e “*viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos*” (Gênesis 22.13). Antes, Abraão dissera a seu filho: “*Deus proverá para Si, meu filho, o cordeiro para o holocausto*”, e ali, em visão, ele viu o sacrificio maior que Deus ia prover pelos pecados do mundo inteiro, e para os de Abraão também.

À luz disto, ele chamou o lugar de “*Jeová-Jireh*” (o Senhor proverá), e daí o provérbio desses dias: “No monte do Senhor ele será visto”. E qual foi o efeito em Abraão quando ele contemplava a morte do Cordeiro de Deus? “*Regozizou-se e alegrou-se*”. E no gozo duplo daquela visão e no receber como da morte seu único filho, Isaque – cujo nome mesmo significa “*Riso*” (Gênesis 17.17-19; 21.6), ele desceu do monte de visão com uma alegria desconhecida até aquele dia.

Um comerciante na cidade de Glasgow, na Escócia, contou-me como uma de suas empregadas no escritório sofreu um cansaço nos olhos devido ao seu trabalho. Enviou-a a um especialista que perguntou onde ela trabalhava. Ouvindo que a sala onde passava o dia dava para o Rio Clyde, receitou o seguinte: “Sempre que sentir o menor cansaço, pare de escrever à máquina e olhe para as montanhas acima do Loch Lomond. Em cinco minutos poderá voltar ao seu trabalho, refeita e refrescada”.

No seu dia, Abraão olhava para o dia ainda futuro de Cristo e exultou em vê-lo. Em nossos dias, podemos também levantar os olhos de nosso coração para as Montanhas Deleitáveis; na sua luz veremos a luz, o dia raiará e as sombras fugirão.

C – COMO A PREEEXISTÊNCIA DE CRISTO SE TORNOU O PONTO DE PARTIDA PARA O MINISTÉRIO DE ISAÍAS, O PROFETA.

O profeta, narrando as circunstâncias da sua chamada, começa com as palavras: “*No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor, assentado sobre um alto e sublime trono*” (Isaías 6.1; 52.13; João 12.37-41). O título “Senhor” ocorre seis vezes neste capítulo, mas representa duas palavras distintas no hebraico. O nome Jeová, o Eterno, que subsiste em Si mesmo, se encontra nos vv. 3, 5 e 12. O título Adonai, no hebraico, está nos vv. 1, 8 e 11 ; significa “o Senhor soberano” e se refere muitas vezes ao Rei-Messias.

O livro das Lamentações de Jeremias é, talvez, o melhor livro para estudar o emprego dos dois títulos: Adonai se encontra quatorze vezes nesse livro (caps. 1-3) e Jeová ocorre vinte e seis vezes nos mesmos três capítulos .

A visão de Isaías abre com a declaração de que o trono terrestre estava desocupado, pois o rei Uzias acabava de falecer; mas o trono celestial estava ocupado por Aquele que permanece eternamente. Isaías notou que Aquele que sentava no trono estava “alto e elevado”; aqui a frase se refere à exaltação de Cristo, mas se encontra novamente em 52. 13, um passo que descobre o último degrau da Sua humilhação.

Dois serafins, ou “seres ardentes”, estão de prontidão, em pé acima de seu Senhor; semelhantes aos seres vivos de Apocalipse 4:8, cada um tendo seis asas: “*com duas cobria o rosto, com duas cobria os pés e com duas voava*”. Quem podia contemplar a glória de Deus sem o véu? Quem poderia justificar o seu caminho diante do Senhor? Com as asas executavam as ordens do Supremo. Neste simbolismo rico aprendemos que as três leis que governam o serviço no céu são: reverência, humildade e obediência.

Em seguida, o profeta percebe que nuvens escuras de fumaça passam por cima do pavimento de safira perante o trono (Êxodo 24.10). Ele sabe que estas nuvens simbolizam a majestade de Deus ofendida, Sua ira contra o pecado (Salmo 74.1; 80.4); de repente ele descobre que a causa das nuvens é justamente a sua própria presença naquele lugar santo; ele mesmo é a mancha sobre a visão, a nódoa na alvura desse mundo de pureza, beleza e santidade. Dessa visão da glória de Cristo e de sua própria vergonha ele data a sua longa vida de serviço.

D. COMO A LEMBRANÇA DA GLÓRIA PREEXISTENTE DO SENHOR ENCHIA SEU CORAÇÃO COM SAUDADE E DESEJO.

Procurando a oração registrada para nosso proveito, no capítulo 17 do evangelho segundo S. João, lemos em vv. 4 e 5: *“Eu Te glorifiquei na terra... agora, glorifica-Me, ó Pai, contigo mesmo com a glória que Eu tive junto de Ti antes que houvesse mundo”*.

Outra vez, no v. 24: *“Pai, a Minha vontade é que onde Eu estou, também estejam comigo os que Me tens dado, a fim de que vejam a Minha glória que Me conferiste, porque Me amaste antes da fundação do mundo”*.

O Redentor, revendo aquele pequeno espaço de tempo na vida (tão curto quando medido pelo relógio), aqueles trinta anos dourados, sem pecado, a que chamamos *“os dias da Sua carne”*, uma enchente de nostalgia invadiu a Sua alma. Ele viu a glória, Sua glória preexistente, que pôs de lado quando veio, e uma onda de saudade e desejo encheu Seu coração; Ele desejou ardentemente que *“aqueles que continuaram com Ele nas Suas tentações”* gozassem a visão dessa luz celestial.

Em contraste forte com a vergonha da hora do Calvário que se aproximava, muito antes dos longos caminhos trilhados na Galileia; antes ainda da manjedoura de Belém; ainda mesmo antes da luz da madrugada que abençoou o primeiro dia da criação do mundo, lá estava Ele, junto ao Pai: *“Então estava Eu ao Seu lado”*. (Há várias traduções desta passagem: *“como criança pequena”* é uma destas; *“como aluno”* é outra e, ainda, *“como arquiteto”* parece ser a mais adequada).

A terra em que estamos é três vezes santa e as nossas mãos podem bem tremer no ato de retirar o véu, mas nem por isso deixemos de contemplar reverentemente, tanto quanto nos seja possível, aquela glória. Nessa luz aprendemos que Jesus de Nazaré procedeu dum passado eterno, que Ele habitou no seio do Pai durante anos sem número, e que então, antes que os mundos fossem moldados pelas Suas mãos hábeis, Ele e o Pai planejavam a nossa redenção. Não sei quando nasceu o Seu amor por mim, nem posso saber há quanto tempo Ele foi selado com o sinal carmesim de morte e sacrifício, mas sei que Ele era o Cordeiro morto antes da fundação do mundo.

Segundo as linhas dum hino:

Ere suns and moons could wax and wane,
Ere stars were thunder-girt.

Ele pensou em mim; previu toda a minha rebelião e desprezo ao amor do Pai; mas, então e ali, Ele dedicou-Se à tarefa suprema de buscar e

salvar a ovelha perdida, para que nem a sombra de vergonha tocasse a linda fama do Pai.

Meditemos muito sobre a glória original do Senhor Jesus. Não é apenas um espécime teológico na prateleira dum museu, nem um mero assunto a ser discutido por doutorandos em Divindade. É uma verdade que faz arder o nosso coração, uma luz que revela o que está torto em nós, uma chamada que nos convida a entregar nossas vidas a um serviço, leal e custoso, Aquele que entregou tanto por nós e viajou tão longe para *“achar o que se havia perdido”*.

Se estas coisas não são assim, não temos nenhuma mensagem para o mundo pagão, nenhum abrigo a oferecer a outros com respeito ao juízo de Deus e, para dizer toda a verdade, nós mesmos nenhum refúgio teremos da tempestade. Se Cristo fosse apenas uma criatura, um produto do século primeiro, o mito do modernista, então, como disse, São Paulo, *“somos os mais infelizes de todos homens!”* (1 Coríntios 15.19).

Dr . Hutton nos relata como passeava na praia, na costa do oeste da Escócia, com um amigo. A cada passo esmagavam com os pés uma multidão de conchas diminutas de cor cinzenta. Num dado momento, deram com uma linda concha, de forma espiral, bela e grande, como nunca tinham visto antes. Dr . Hutton apanhou-a e, com mão estendida, discutiram a possível origem da concha e como foi possível chegar às costas inóspitas daquela região. Então, se lembraram de que as águas da Corrente do Golfo passavam por aquelas paragens e deviam ter trazido a concha agarrada a alguma alga ou presa a algum pedaço de madeira e, assim carregada, teria feito a viagem de milhares de quilômetros para vir descansar naquela praia.

Conta-se de Alguém que deixou a esfera de verão perpétuo para pisar a praia deste mundo temporário; encontrou uma recepção hostil e árida, mas, quando voltou para o lugar que deixou não estava só; pois Se tornara guia duma multidão que não se podia contar, o Pai de muitos filhos que Deus Lhe dera.

.oOo.

ESTUDO 2

A GLÓRIA DAS SUAS PISADAS

Passagens no evangelho de S. João sobre este assunto:

2.11 Com este, deu Jesus princípio a Seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a Sua glória...

5.41 Eu não aceito glória que vem dos homens.

5.44 Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?

7.18 Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de Quem O enviou, Esse é verdadeiro e nEle não há injustiça.

8.50 Eu não procuro a Minha própria glória.

11.4 Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado.

11.40 Não te disse Eu que, se creres, verás a glória de Deus?

17.4 Eu Te glorifiquei na terra.

No primeiro estudo, consideramos a verdade a respeito da preexistência de nosso Senhor, contemplando-O vestido do manto da Divindade, habitando no esplendor eterno, e empunhando o cetro de soberania universal.

Vamos agora acompanhá-IO na Sua jornada através do deserto deste mundo. Começamos com o dia em que desceu para a terra, despindo-Se do intenso brilho com que se manifestou a glória celestial quando vista na Pessoa do Filho de Deus, vivendo a vida diária dos homens, compartilhando com eles as limitações de sua sorte, suas experiências de fome e sede, cansaço e necessidades, presenciando suas doenças e dor.

No seu Evangelho, o “*discípulo amado*” constantemente emprega a expressão “*o rio de Deus*”; referido-se às águas vivas em todas as possíveis variedades da figura. Escreve de mares e rios, fontes e poços, correntes e cisternas, águas e cântaros. Toma emprestado da história da Criação e do Jardim do Éden, no princípio, a figura que leva consigo em todos os seus escritos até quando, em visão, sendo prisioneiro em Patmos, o rio de água pura da vida, claro como cristal, dimanando do trono duplo de Deus e do Cordeiro, regando as raízes das árvores na floresta da vida.

Na linguagem do profeta: “*Aonde chegarem estas águas, tornarão saudáveis as do mar, e tudo viverá por onde quer que passe este rio*” (Ezequiel 47.9); todas as sinuosidades daquele rio seguem as pegadas de

seu Criador e Senhor, correndo como um fio de prata através dum deserto de tinta preta.

A história começa nas margens do rio da morte; João estava em Betânia, além do Jordão, onde estava batizando, e vendo a Jesus que vinha para ele, disse: *“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”* (1.29). Este evangelista, em contraste com seus colegas, não registra o batismo do Salvador, mas ocupa-se exclusivamente com o do pecador. No batismo, a alma arrependida reconhece a justiça do juízo de Deus, levanta os olhos para Aquele que levou o peso da sua culpa e aceita o sinal de morte e sepultura com Cristo.

Tudo isto está plenamente de acordo com o testemunho especial confiado a S. João. No capítulo 3, lemos que *“João batizava também em Enom, perto de Salim (que significa “o lugar de fontes perto da paz”) porque havia ali muitas águas”* (3.23). Antes, neste mesmo capítulo, nosso Senhor nos afirma que a entrada para o Reino passa pela água e, depois, lemos de questões entre os discípulos de João e um judeu a respeito da purificação. Verdadeiramente, há *“muitas águas”* nesse capítulo.

Na secção a seguir, o Salvador é visto *“cansado, mas ainda prosseguindo”*, abaixando-se para *“beber do ribeiro no caminho”*; uma pecadora samaritana recebe da Sua mão um copo de água viva, e Ele recebe dela um pouco daquela comida de que o mundo nada sabe. Ela deixa o poço, levando no coração uma fonte de água viva, que salta para a vida eterna.

No capítulo 5, Ele visita o tanque de Betesda (a Casa de Misericórdia) e faz para o paralisado o que as águas movidas nunca poderiam conseguir. Pela Sua palavra, logo o homem ficou são, levantou a sua cama e andou.

No capítulo 6, Ele trata de salvar Seus discípulos, acoissados pela tempestade, andando sobre as ondas enfurecidas como se andasse em sólida calçada e, no capítulo seguinte, oferece Suas boas vindas a todos os sedentos e promete que sairão rios de água viva dos que se chegarem a Ele. Depois, manda o homem cego de nascença para *“as águas de Siloé, que correm mansamente”*. Este foi, lavou-se e voltou vendo.

Perto do fim da jornada, Ele conduz o pequeno rebanho através da *“torrente invernal dos cedros”* (18.1), para um jardim (horta) que costumava frequentar. Nunca houve águas tão frias e enregeladas como aqueles nas quais Ele mergulhou nesse dia em que *“todas as ondas e catadupas”* passaram por cima da Sua cabeça (Salmo 42.7); Aquele, cujo *“aspecto é como o Líbano, esbelto como os cedros”* (Cantares 5.15) jamais provou um cálice tão cheio de amargura.

O Evangelho termina com a figura do Senhor na praia do mar de Tiberíades, dando as últimas instruções a dois de Seus discípulos de mais confiança. Então João, tendo demonstrado que o *“rio de Deus”* reflete ainda a glória de Deus, deita a sua pena.

Passando da poesia para a narração, o evangelista apresenta, classificadas em três grupos, suas testemunhas legais da glória de Deus, demonstrada nas circunstâncias limitadas da vida de nosso Senhor.

Revela Seus caminhos sem uma falta sequer, Suas palavras ricas em perfume e Suas obras perfeitamente acabadas.

A) SEUS CAMINHOS PERFEITOS.

O caráter de Cristo apresenta-se ao leitor deste evangelho sob dois pontos de vista.

1- Negativamente, sem pecado. Não há crente evangélico que não aceite esta verdade. É testemunhado amplamente pelo Novo Testamento. S. Pedro, o homem de ação, afirma: *“O Qual não cometeu pecado”* (1 Pedro 2.22); S. Paulo, o mestre culto, nos ensina que *“Ele não conheceu pecado”* (2 Coríntios 5.21); e S. João, o místico, na sua primeira carta, examinando, até onde nos é possível, as profundezas do Ser de nosso Senhor, relata que *“nEle não há pecado”* (1 João 3.5).

No seu Evangelho, S. João tem seu modo particular de apresentar seus pensamentos sobre o assunto. O primeiro quadro no livro mostra-o como *“o Cordeiro de Deus”*, um título que se baseia no fato de o Redentor ter-Se oferecido a Si mesmo a Deus em sacrifício imaculado (Hebreus 9.14).

Era costume entre os hebreus, quando um animal era trazido ao altar para sacrifício, examiná-lo cuidadosamente para ter certeza de que não havia nele qualquer defeito. Uma vez satisfeito o sacerdote neste ponto, ele punha no corpo do animal, o seu selo. É provável que o Senhor Se tenha referido a este costume, quando disse: *“Deus, o Pai, O confirmou com o Seu selo”* (6.27; 3.33).

Por ocasião de Seu batismo, o Espírito Santo pousou sobre o Filho e por este fato testemunhou a todos que Cristo estava em condições de ser posto sobre o altar, sem mancha aos olhos de Deus; e ainda mais, foi oferecido aos homens como Um, cuja *“carne verdadeiramente é comida e cujo sangue verdadeiramente é bebida”* (6.55). Qualquer que recebe o testemunho que Deus dá de Seu Filho, dá testemunho da Sua verdade e

assim o Cordeiro de Deus é autenticado na Sua Pessoa e na Sua Missão, tanto por Deus como pelos homens.

A estas alusões veladas à glória do Messias, podemos acrescentar a Sua declaração inequívoca: *“O que procura a glória de Quem O enviou, esse é verdadeiro e nEle não há injustiça”* (7.18). Também nos lembramos das Suas palavras: *“Aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em Mim”* (14.30).

2- Mas a ausência de pecado, só por si, não constitui prova de perfeição; é negativa, indicando apenas a ausência do que está errado. S. João torna muito claro que não havia apenas nenhum consentimento com o mal, mas que havia uma cooperação, deliberada e ininterrupta, com a vontade de Deus, e uma consagração, positiva e ativa, ao serviço dEle. O Senhor mesmo afirmou esta verdade: *“Eu faço sempre o que Lhe agrada”* (8.29) e outra vez: *“A minha comida consiste em fazer a vontade dAquele que me enviou, e realizar a Sua obra”* (4.34).

Devemos acrescentar que, embora o nosso Senhor tenha sido *“tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado”* (Hebreus 4.15), precisamos excluir da declaração todo o grupo de tentações que surgem como resultado de fraqueza moral anterior. Infelizmente, estamos cômnicos demais deste tipo de queda, mas de tal fraqueza Ele nenhum conhecimento podia ter.

Antes de deixar o assunto das perfeições positivas de nosso Senhor, podemos notar duas características Suas bem marcadas: raras vezes se encontram unidas numa mesma pessoa, mas quando juntas, são irresistíveis. S. João chama a nossa atenção à união de força e ternura evidenciadas em nosso Senhor. A primeira geralmente se vê no homem; a segunda, na mulher. Se encontrarmos um homem de espírito manso, mas de propósito sem firmeza, duma vontade débil e vacilante, *“tudo por arrancos e nada continuo”*, temos pena dele. Se encontrarmos uma mulher, forte e hábil, mas com falta de simpatia e bondade, nos afastamos dela.

No Senhor os elementos de poder e compaixão harmonizaram-se perfeitamente, e disto há muitos exemplos neste livro. Purifica nossos juízos recordarmos a maravilhosa união de majestade e misericórdia que Ele manifestou quando, confrontado com os acusadores da mulher adúltera, eles saíram, um a um, e ela ficou para ouvir dos lábios de Cristo a Sua sentença: *“Nem Eu tampouco te condeno”*. Sentimos o poder moral que obrigou Seus inimigos a recuar e cair por terra, quando se aproximou deles com a afirmação *“Eu sou”* (18.6), três vezes repetida, ao mesmo tempo que, com bondade nobre, Ele pediu: *“Se é a Mim, pois, que buscais*

deixai ir estes” (18.4-8). Vimo-IO chorar com as irmãs, perante o túmulo de Betânia e ficamos maravilhados com a voz do Filho do Homem ordenando: *“Lázaro, vem para fora!”* (11.43)!

B. O AROMA DE SUAS PALAVRAS.

Na doutrina de Cristo, como é transmitida pelo apóstolo S. João, há duas feições características e peculiares a este evangelho. Os outros evangelistas registram uma frase usada pelo nosso Senhor: *“Em verdade vos digo”*. S. João registra uma expressão semelhante, mas sempre repetida: *“Em verdade, em verdade”*, ou, ao pé da letra: *“Amém, amém”*. Esta forma se encontra vinte e cinco vezes no evangelho segundo S. João e em nenhum outro lugar.

No Antigo Testamento, *“Amém, amém”* se encontra pela primeira vez no ritual do ordálio, no caso da mulher suspeita de falta de lealdade para com seu marido. Depois da administração da água do santuário pelo sacerdote, chamada a *“água amarga”*, que *“traz a maldição”*, o sacerdote fazia a mulher jurar sua inocência, usando a frase *“Amém, amém”* (Números 5.22).

O apóstolo S. Paulo parece referir-se a isto mais de uma vez na sua carta aos Coríntios, especialmente na pergunta: *“Provocaremos zelo no Senhor?”* (1 Coríntios 10.22) e mais adiante: *“Se alguém não ama o Senhor, seja anátema”* (1 Coríntios 16.22). Os três primeiros livros dos Salmos terminam com este Amém duplo. E com isto podemos comparar o título divino *“O Deus do Amém”*, que se encontra duas vezes em Isaías 65.16.

S. João agrupa as palavras que estamos considerando em doze passos e cada vez anuncia algum assunto de máxima importância no livro. Às vezes o *“Amém, amém, eu vos digo”* aparece uma só vez; em outros casos, ele se serve da frase para reforçar a importância ou singularidade do seu ensino, repetindo-a duas ou três vezes e, em dois casos, nada menos de quatro vezes num só contexto.

Procuremos os primeiros quatro grupos e notemos o progresso sistemático da doutrina.

(a) *“Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”* (1.51). Deste passo aprendemos que se abriu um lar no céu para o Novo Homem.

(b) Depois, lemos: *“Em verdade, em verdade, te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”*. Somente pela porta do

novo nascimento é possível entrar neste lar. Tão importante é este ensino que é reforçado três vezes pelo duplo “Amém” (3.3, 5, 11).

(c) Então nos é ensinada a lei pela qual o novo homem é governado e a tarefa a ele entregue: “*Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer por Si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai*” Disto aprendemos que nenhuma obra digna poderá ser feita, seja pelo Filho ou pelos filhos, sem que lhes seja mostrada pelo Pai. Aqui também se encontra a fórmula três vezes (5.19, 24, 25).

(d) No capítulo 6, o Senhor tem muito que nos dizer a respeito do alimento que sustenta o novo homem; o Filho tem provido pão e maná, carne e sangue para Seus discípulos. Talvez ninguém haja explicado o segredo deste capítulo melhor do que Sto. Agostinho, bispo de Hipona, quando disse: “Comer aquela carne e beber aquela bebida é isto: um homem habitar mesmo em Cristo e ter Cristo habitando nele”. Portanto, quem não habitar em Cristo, sem dúvida não come Sua carne nem bebe Seu sangue”. E outra vez: “O sinal de alguém ter comido e bebido é este: que habita e é habitado; que continua ligado à Cabeça, de modo que não seja abandonado”.

Os casos restantes deixaremos para meditação particular; o assunto todo tem sido admiravelmente tratado pelo falecido Andrew Jukes, na sua obra intitulada “O Novo Homem”.

A segunda feição peculiar do ensino de Cristo, como registrado por S. João, se encontra na frase “*Eu sou*”, usada em dois sentidos distintos. Em alguns casos as palavras ficam isoladas, como uma sentença não acabada, como, por exemplo, as palavras: “*Antes que Abraão existisse, EU SOU*” (8.58). A frase deve ser tratada como um cheque em branco, pronto para ser usado com a quantia certa que possamos precisar a qualquer momento.

Usualmente, entretanto, a frase se completa e neste caso sabemos exatamente quanto podemos sacar contra o Banco Celestial conforme nosso crédito.

Quando estou com fome, procuro as palavras “*Eu sou o pão da vida*” (6.35).

Vendo a escuridão ao redor de mim, lembro-me de que Ele disse : “*Eu sou a luz do mundo*” (8.12).

Se lobos ou salteadores ameaçam o rebanho, leio com nova confiança: “*Eu sou o Bom Pastor*” (10.11).

Nas horas de solidão ou saudade, lembro-me da Sua palavra: “*Eu sou a porta*” (10.9), dando entrada a tudo o que é desejável.

Se a sombra da morte e sua corrupção me sobrepujam, a sentença: “*Eu sou a ressurreição e a vida*” (11.25) deleita a minha alma .

Perdendo a direção na vida, andando em ignorância e sem luz, Ele me reassegura com as palavras: “*Eu Sou o caminho, a verdade e a vida*” (14.6).

Sobrecarregado e desanimado pela falta de fruto na minha vida, Ele me faz lembrar do que disse: “*Eu sou a videira verdadeira e Meu Pai é o lavrador*” (15.1).

Com frases simples como estas podemos descobrir a solução de todos os nossos problemas e o segredo duma vida de bom êxito. Tudo que é justo e reto em nossos desejos e necessidades, conhecidos ou desconhecidos, está à nossa disposição em tais declarações. Não existe uma falta, uma ameaça, uma perplexidade sequer, que o “*Eu Sou*” de Cristo não possa transformar em bênção. A maré majestosa da plenitude de Cristo, avançando na praia das minhas necessidades, enche todas as cavernas e pequenas enseadas da vida; a vista se torna um lençol de prata.

C.SUA OBRA COMPLETA.

Como de costume, S. João trata seu assunto de modo *sui generis*. Ele fez uma seleção dos sinais que nosso Senhor mostrou dentro da esfera física, seja animada ou inanimada, oferecendo-a aos seus leitores. A estes cabe o dever de perceber através do véu transparente dos fatos da natureza, descobrindo os valores espirituais atrás da cortina.

Parece apresentar uma espécie de desculpa pelo caráter fragmentário da sua narrativa, mas defende-a com o simples comentário “*nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos*” (21.25), tratando um assunto de tal magnitude!

Na seção relativa ao ministério público de Cristo, isto é, nos primeiros doze capítulos, encontramos sete destes sinais, que são os seguintes:

- 1 . A água se torna em vinho, em Caná de Galileia (cap. 2).
- 2 . A cura do filho dum régulo, na mesma aldeia (cap. 4).
- 3 . O paralítico recebe forças, em Jerusalém (cap. 5).
- 4 . Cinco mil homens com fome são alimentados, perto de Cafarnaum (cap. 6).
- 5 . Jesus anda sobre o mar de Tiberíades (cap. 6).
- 6 . Um homem cego de nascença recupera a vista, em Jerusalém (cap. 9).
- 7 . Lázaro ressuscitado dos mortos, em Betânia (cap. 11).

Cada sinal constitui em si uma revelação especial da glória de Deus, mas podemos tocar apenas no primeiro e no último. A glória brilhou no

casamento em Caná, mas, no sepulcro de Lázaro, em Betânia, a luz parece ainda mais brilhante.

O casamento de um homem é geralmente o seu dia de mais orgulho e alegria; um enterro é muitas vezes seu dia mais escuro. O primeiro representa o triunfo do amor; o segundo, a vitória da morte. O Senhor sabe enfrentar o desafio das maiores crises da vida, a alegria da festa e a escuridão do túmulo.

Em Caná havia um moço e uma moça preparando-se para constituírem uma nova família; havendo uma lista de convidados, ninguém podia discutir a quem cabia o primeiro lugar na lista: *“Jesus foi convidado”*. Seguiu-se a pergunta: quem mais? Convenha-se que não podemos separar o Senhor de Seus discípulos, e estes também foram incluídos.

Os crentes em Cristo sempre escolherão os amigos de peito dentre o círculo do povo de Deus. Por motivos de família, da sociedade, de negócio, alguns “dos que estão de fora” podem ser convidados, mas a presença dos que compartilham conosco as coisas ao mesmo tempo desta vida e da eterna é o que nos dá a satisfação íntima em tais ocasiões.

A maioria de jovens sadios, normais, nutrem a esperança de ser, um belo dia, a parte principal num casamento; gostaria de pensar que o Nome de Cristo figure no primeiro lugar na lista dos convidados e que os nomes de Seus amigos venham em seguida ao Nome dEle. Não há outro fundamento, seguro, sadio e santo, para a felicidade matrimonial do que a amizade *“no Senhor”*; qualquer outra base é tão falha quanto insegura.

Conversava com um homem que não é crente, quando ele me disse, em confiança e no tom de quem está aborrecido: “Sabe, estou farto deste negócio de casamento; depois de vinte e cinco anos de casado, a minha experiência é que o homem ama a mulher, a mulher ama os filhos e os filhos amam-se a si mesmos!”.

Na história que lemos no Evangelho, percebemos que a noiva e o noivo estão sendo postos à prova. A presença de tantos hóspedes em excesso, esgotará os seus recursos; os odres de vinho estavam vazios, os hóspedes começam a cochichar entre si e os nubentes sentem-se envergonhados.

A mãe de Jesus tem uma sugestão, mas está fora de tempo. Ele mesmo toma as rédeas na mão e imediatamente a tensão cessa. Há seis grandes talhas, vazias, as quais Ele manda encher de água, fornecendo assim um meio de purificação. É necessária a água de purificação antes de podermos gozar o vinho da alegria no Espírito Santo. Depois, os criados levam o conteúdo das talhas ao mestre sala; só eles conhecem o segredo do Senhor; eles viram a água ficar corada à voz do Criador de todas as coisas.

Neste evangelho, a água é usada como símbolo em dois sentidos. Primeiro, da palavra da vida, pela qual nascemos de novo. Segundo, como figura do Espírito, que habita no crente e é como uma fonte de água viva que salta para a vida eterna.

O primeiro sinal realizado pelo Legislador foi a transformação da água do rio em sangue, um ato de juízo divino; e muitos, por motivos baixos, têm feito coisa semelhante. De Nimrod até Hitler, os tiranos têm envenenado as fontes de felicidade humana; há um sentido em que os néscios podem transformar água em sangue!

A glória de Cristo se manifestou quando transformou o símbolo de purificação no sinal de alegria sem nuvem.

Passemos para o capítulo 11 e nos encontramos no outro polo da vida. A sombra da morte caiu sobre o lar em Betânia, pois Lázaro, o irmão de Maria e Marta, acaba de falecer. As irmãs entristecidas mandam chamar o Senhor, mas Este que não demorou em assistir a festa das bodas, permaneceu no mesmo lugar em que estava por mais dois dias depois de receber a chamada. Mas foi apenas uma destas demoras em que o amor se excede e, no momento próprio, Ele veio.

Prestamos toda a atenção ao que Ele e Seus amigos têm a dizer face a face com o rei dos terrores; ainda mais, desejamos saber o que Ele tem a dizer-nos quando nos acharmos em circunstâncias semelhantes.

S. João registrou as emoções do seu Mestre e lemos que *“Jesus chorou... Agitando-Se novamente em Si mesmo... Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças Te dou”* (11.35, 38, 41). Não Se permitiu à sombra da morte abafar o salmo de ações de graças.

A história recorda as palavras de Sir Thomas Moore, de caminho para o lugar onde foi executado, dirigidas à sua esposa adorada: *“Peço-te, minha querida, alegra-te em Deus”*. Parece que o servo já tinha bebido bem da fonte aberta pelo seu Senhor.

Colhemos, então, os despojos ganhos por Cristo no campo da batalha contra o inimigo. Em primeiro lugar, Ele aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrutibilidade pelo Evangelho. Em segundo lugar, ao voltarmos de algum sepulcro selado, onde acabamos de depositar os restos mortais de algum bem amado, lembramo-nos do que Ele disse: *“Eu sou Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos”* (Apocalipse 1.18). Em terceiro lugar, aguardamos a hora quando Ele chamará o Seu povo do leito escuro de decomposição e então os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus. Ele quebrou o silêncio, penetrou na escuridão e operou em nós o milagre eterno — vida eterna para hoje e vida em ressurreição para amanhã.

São estes alguns dos modos pelos quais a glória de Deus brilhou na vida de Seu Filho Amado. *“Que leve sussurro temos ouvido dEle!”* (Jó 26.14).

.oOo.

ESTUDO 3

A GLÓRIA DE DEUS REVELADA NA PAIXÃO DE NOSSO SENHOR

Passagens no evangelho de S. João sobre este assunto:

- 12.23** É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem.
- 12.28** Pai, glorifica o Teu Nome.
- 12.28** Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei.
- 13.31** Agora, foi glorificado o Filho do Homem.
- 13.31** E Deus foi glorificado nEle.
- 13.32** Também Deus O glorificará nEle mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente.
- 17.4** Eu Te glorifiquei na terra, consumando a obra que Me confiaste para fazer.

Propomo-nos agora considerar a cruz de Cristo como a manifestação suprema da glória divina na história da humanidade. Os leitores que conhecem já as três primeiras narrativas da vida de Jesus terão notado como os escritores constantemente se referem à morte de Cristo como um acontecimento predito por Ele mesmo.

Umaz quatorze vezes se encontra uma fórmula semelhante à seguinte: *“Começou Jesus Cristo a mostrar a Seus discípulos que Lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas e... ser morto”* (Mateus 16.21; 17.22-23 e passagens paralelas em Marcos e Lucas).

A maior parte destas profecias foram pronunciadas durante a última viagem a Jerusalém, isto é, a viagem descrita nos capítulos centrais do

evangelho segundo S. Lucas (9.51 a 19.27). S. João omite tudo isto, mas em compensação ele fornece uma longa série de alusões veladas à morte de Cristo. Algumas destas são tiradas de profecias do Antigo Testamento; outras tiveram sua origem na mente de nosso Senhor ou na do evangelista.

Podemos ilustrar o método empregado por S. João para iluminar a glória de Deus, revelada na cruz do Calvário, por meio do holofote usado durante os anos de guerra. Morávamos, nesse tempo, em Malvern, cidade no oeste da Inglaterra, e muitas vezes durante aqueles anos acompanhamos a réstia de luz, a tocar um ponto após outro, surgindo num lugar, atravessando a planície até iluminar as torres da catedral de Worcester, e daí completando o círculo até o momento em que voltava para a escuridão donde nasceu.

Do mesmo modo, S. João focaliza a luz que emana da Cruz em pelo menos cinco direções diferentes. Em primeiro lugar, dirige os raios para o passado e cai a luz sobre as páginas do Antigo Testamento. Depois, subindo, ilumina os degraus do trono sempiterno. Em seguida, desce, bruscamente, revelando as portas de bronze do inferno. Movimenta-se então para dentro, pondo a descoberto os mais íntimos recantos do coração humano.

Por último, a luz penetra o futuro, mostrando-nos os ceifeiros trazendo para Deus uma colheita mundial, resultado este da agonia e vergonha sofridas pelo Seu Filho unigênito. Tomemos estes cinco pontos iluminados, observando como a luz revela, por contraste, a escuridão dum mundo que não crê.

1. A Luz Recai Sobre o Passado.

A luz ilumina, em primeiro lugar, os tipos e sombras das antigas Escrituras dos hebreus. Consideremos três, de entre muitos:

(a) *“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”* (1.29). A mente do pregador no deserto recordou as palavras do profeta Jeremias: *“Eu era como manso cordeiro, que é levado ao matadouro”* (Jeremias 11.19), palavras estas tomadas do poema de aflição de Isaías: *“Foi oprimido e humilhado, como cordeiro foi levado ao matadouro”* (Isaías 53.7); isto, por sua vez, reverte ao cordeiro pascoal, o *“cordeiro será sem defeito, macho de um ano”* (Êxodo 12.5). Afinal, toda a linha do pensamento nasce da pergunta feita por Isaque, quando ele e o pai *“foram ambos juntos”*,

subindo o monte do sacrificio: *“Meu pai,... eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?”* (Gênesis 22.7).

João Batista, vendo Jesus se aproximando, teve os olhos abertos pelo Espírito de Deus e, num reconhecimento Imediato, maravilhoso, identificou o Cordeiro de Deus, o Esperado dos séculos. Aqui, no momento aprazado, apareceu a resposta à fé de Abraão, baseada na palavra de Deus que Ele mesmo proferia para Si um Cordeiro.

Como o coração do Batista e os de seus discípulos devem ter ficado mais do que satisfeitos vendo Aquele que havia de tirar o pecado, o Enviado do Pai para resolver o mistério do pecado e do amor e ser a realidade que responderia a todos os tipos do sacrificio no Antigo Testamento!

b) *“Destruí este santuário e em três dias o reconstruirei”* (2.19).

Aqui, em contraste com a Sua morte como o Cordeiro designado por Deus, vemos o nosso Senhor como a vítima da malícia dos homens. Guardemos em nossa memória que o nosso Salvador sofreu em três sentidos distintos: 1) às mãos de Deus, como oferta para expiação; 2) às mãos de Satanás, que lançou seu veneno contra o inimigo odiado e tradicional; 3) Ele, o rejeitado Rei de Israel, foi tomado e, por mãos ímpias, crucificado e morto.

Num só passo no livro de Jó, encontramos estas três formas de sofrimento preditas pelo Espírito de Cristo em profecia (Jó 16.9, 10, 11): *“Na sua ira me despedaçou e tem animosidade contra Mim; contra Mim range os dentes e, como Meu adversário, aguça os olhos”* (v. 9 – Satanás); *“homens abrem contra Mim a boca, com desprezo Me esbofeteiam, e contra Mim todos se ajuntam”* (v. 10 - homens de Israel); *“Deus Me entrega ao impio e nas mãos dos perversos Me faz cair”* (v. 11 - o Pai).

Quando o Senhor lançou Seu desafio *“destruí este santuário e em três dias o reconstruirei”*, Seus ouvintes, tanto amigos como inimigos, entenderam que falava do templo de Herodes, maravilhoso na sua arquitetura e ainda inacabado, pelo qual os judeus nutriam um orgulho sem limites. ; Sua mente, contudo, estava ocupada com um templo ainda mais lindo, um santuário eterno; referiu-Se ao templo de Seu corpo, o *“propiciatório”*, lugar de encontro de Deus com os homens.

S. João toma cuidado em discriminar os dois pensamentos pelo emprego de duas palavras diferentes no grego, ambas traduzidas em algumas versões pela palavra “templo”, mas na V. B. por templo e santuário. Nos vv . 14 e 15 do capítulo 2 de João, a palavra usada é outra e se refere a todo o bloco de edificios do templo ou a qualquer parte deles,

exceto o santuário interior. Nos vv . 19, 20 e 21, a palavra é outra, que se refere à parte mais interna do santuário.

Nos dias de Moisés, a Arca, com “*os querubins que cobriam o propiciatório*”, havia sido o lugar de encontro, onde Deus Se encontrava com o Seu povo, assim o corpo terrestre de Jesus foi o lugar, divinamente ordenado, para o encontro da miséria do homem com a misericórdia de Deus.

Por isso, o assassinato de Jesus de Nazaré foi a profanação do verdadeiro templo de Deus. Seus inimigos, de fato, derribaram toda a obra entalhada, com machados e martelos; profanaram até ao chão a morada de Seu Nome, dizendo nos seus corações: “Despojemo-lo duma vez”. Pela glória do Pai, porém, aquele santuário sem defeito ou falta foi ressuscitado em três dias (Salmo 74.6, 7, 8).

É digno de nota que, depois de ter o Senhor entregue o Seu Espírito ao Pai, a nenhuma mão ímpia foi permitido profanar aquele Corpo; a única exceção aparente a isto foi quando o soldado furou o Seu lado com a lança, mas isto havia sido expressamente ordenado por Deus. Nem um só osso foi quebrado, apesar do costume romano (Êxodo 12.46; Números 9.12; Salmo 34.20). Nem foi permitido que este Corpo sagrado fosse ocupar a cova aberta para os malfeitores. “*Designaram-Lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na Sua morte*” (Isaías 53.9).

Assim os profetas falaram e os evangelistas narram como mãos carinhosas levaram o corpo do Mestre para o sepulcro novo “*onde ainda ninguém havia sido sepultado*” (Lucas 23.53). Foi como se Deus dissesse aos homens, na hora de seu triunfo aparente: “*Até aqui virás e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas*” (Jó 38.11).

Depois do acontecimento, João olhou para trás e viu a glória dAquele a Quem Deus propôs para propiciação pela fé, em virtude de Seu sangue, a alumiar as sombras do Santo dos Santos. Discerniu no véu rasgado a carne de Jesus e percebeu que, por meio daquele Corpo quebrado, havia sido aberto um caminho vivo e novo para o mais íntimo do Santuário.

Anos depois, a visão do Senhor Ressuscitado foi concedida a S. João: “*O Seu rosto brilhava como o sol na sua foça*”; sentiu o toque da mão direita de seu Mestre sobre ele e ouviu-O dizer: “*Eu sou Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos*” (Apocalipse 1.16, 18).

O Tabernáculo de Moisés poderia desintegrar-se em poeira, os templos de Salomão e de Esdras poderiam ser incendiados ou arrasados, mas o Templo de Seu Corpo permanece na sua glória eterna e indestrutível.

c) *“Do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado”* (3.14).

Quando Nicodemos procurou Jesus de noite, o Senhor projetou a luz da Sua cruz vindoura sobre a serpente de bronze do passado, conforme lemos no capítulo 21 do livro de Números. Naquela ocasião, em consequência dos seus pecados, homens estavam morrendo pelo veneno das cobras ardentes. Na sua angústia e terror gritaram ao Deus vivo e Ele, na Sua misericórdia, ordenou que se levantasse numa haste a figura duma serpente. Naquela serpente não havia nenhum veneno e todo homem, mulher ou criança, que olhasse para ela, ficava sarado duma vez, ilustrando por este sinal, a lei invariável do céu (em figura então; na realidade agora) de que “há vida num olhar para o Crucificado”.

Quinze séculos mais tarde, nosso Senhor deu Sua interpretação autêntica e final disso nas palavras: *“Assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna”* (3.14, 15).

A Lei de Moisés, tornada fraca em virtude da fraqueza do material sobre o qual operava, não só nunca podia salvar a nenhum pecador, mas, ao contrário, podia apenas amaldiçoá-lo e matá-lo (Romanos 7.11; 2 Coríntios 3.7 Gálatas 3.13).

Em contraste com a Lei, Deus, enviando o Seu Filho na semelhança da carne pecaminosa, condenou o pecado na carne e, ao mesmo tempo, em perfeita justiça, ofereceu uma salvação plena e eterna a toda alma que queira volver os olhos da fé para a Cruz (8.12).

Essa santa prontidão,
Com que tanto ao Teu agrado,
Fez da culpa e do pecado
Gloriosa expiação.

Por quê uma serpente?, pode-se perguntar. A serpente era figura desta carne pecaminosa que, enquanto a vida durar, procura nos dominar. E assim como a serpente de bronze foi levantada numa haste, Cristo também foi levantado e nós fomos crucificados com Ele.

Do mesmo modo S. Paulo ensina que *“o nosso velho homem”* (isto é, o nosso homem do passado, o que éramos) foi crucificado com Cristo a fim de que o corpo do pecado pudesse ser destruído, para que, doravante, não servissemos ao pecado.

São fatos verificáveis, e na medida em que, pela fé, os tomamos por verdadeiros, inevitavelmente se seguirão os sentimentos e experiências próprios da nova vida. A ordem nunca varia: primeiro, o fato; depois, a fé; por último, o fruto — a experiência em nós mesmos. Se temos os olhos

postos em Cristo “*levantado*”, então Deus legalmente nos considera como livres da escravidão do pecado.

Assim, os raios da Cruz voltam para trás, iluminando as Escrituras hebraicas, tornando claros inúmeros incidentes nelas narrados. O tempo e espaço não permitem falar de José no poço, do maná, dos rios de águas vivas e da luz peregrina que dirigiu o caminho de Israel por quarenta anos no deserto. Podemos dizer, com um monge antigo: “No Antigo Testamento, o Novo jaz escondido; no Novo, o Antigo fica revelado diante de nós”.

2. A Luz Brilha para Cima.

Em segundo lugar, a luz do Calvário brilha para cima, vindo descansar nos degraus do trono eterno. Nos outros evangelhos, a cruz parece ser a derrota do Filho do Homem, mas S. João habitualmente fala dela como o levantamento do Filho do Homem. Temos esta declaração quatro vezes neste evangelho, mas não a encontramos em nenhum outro lugar.

“Importa que o Filho do Homem seja levantado” (3.14); *“Quando levantardes o Filho do Homem”* (8.28); *“E Eu, quando for levantado, todos atrairei a Mim”* (12.32); *“Como dizes Tu ser necessário que o Filho do Homem seja levantado?”* (12.34).

Assim, longe de significar uma derrota, a Cruz, no quarto evangelho, é um triunfo esmagador. E por isso, S. João, e só ele, registra o último brado de vitória: *“Está consumado!”* (19.30).

No lugar da Caveira, todas as hostes de luz e trevas, os poderes do bem e do mal, arregimentaram-se e colocaram-se na sua verdadeira perspectiva em relação a Deus e ao homem. Depois do choque da batalha, duas coisas aparecem em toda a sua clareza:

Primeiro, que uma derrota esmagadora se infligiu ao príncipe deste século; segundo, que o trono de Deus permaneceu inabalável. Como já predissera o profeta Jeremias: *“Trono de glória enaltecido desde o princípio é o lugar do nosso santuário”* (Jeremias 17.12). A vitória do Calvário fez de Deus um Devedor ao Seu Filho, fornecendo um novo motivo para Seu amor. *“Por isso o Pai Me ama, porque Eu dou a Minha vida para a reassumir”* (10.17).

3. A Luz Brilha para Baixo.

Outra vez, os raios que vêm da cruz penetram para baixo e iluminam as portas do inferno, descortinando a figura de seu chefe.

O Salvador se refere a isto nada menos de três vezes no Seu último discurso: “*Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso*” (12.31); “*Aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em Mim*” (14.30); “*O príncipe deste mundo já está julgado*” (16.11).

Este “*príncipe da potestade do ar*” (Efésios 2.2), o deus deste presente século, se apresenta em todo o curso da história na Bíblia; primeiramente, no capítulo 3 de Gênesis e por fim no antepenúltimo capítulo do Apocalipse; assim, temos dois capítulos no princípio da biblioteca divina e dois no fim, em que não há lugar para Satanás.

O profeta Isaías lança seu repto: “*Tirar-se-á a presa ao valente? Acaso, os presos poderiam fugir ao tirano?*” (Isaías 49.24). e, na sua resposta, ele nos assegura que tanto a presa quanto o prisioneiro se libertarão, porque toda a carne há de saber que o Poderoso de Jacó (Gênesis 49.24) é Salvador e Redentor.

S. João pode nos contar muito do que o profeta nunca conheceu e, no seu evangelho, nos revela o segredo da derrota de Satanás. Em primeiro lugar, Cristo, como o “*Autor da Vida*” levantado, expulsará Satanás da cena de sua soberania atual, isto é, o mundo “*que jaz no maligno*” (1 João 5.19). Depois, quando o príncipe do mal veio a Cristo, provavelmente na pessoa de tais instrumentos como Judas e Caifás, ele não achou coisa alguma sobre que pudesse exercer sua soberania. Em terceiro lugar, no momento em que Sua Paixão foi consumada, o cetro do príncipe foi quebrado.

Daquela hora em diante, as portas do Hades foram destruídas porque Aquele que abriu o caminho “*foi adiante delas*” e o rebanho foi libertado, seguindo para a porta onde achou a liberdade. Seu Rei foi “*adiante delas; sim, o Senhor, à sua frente*” (Miqueias 2.13; João 10.4).

O Conquistador da morte e do túmulo tem na Sua mão as chaves, o véu do Santuário foi rasgado e o Reino do Céu foi aberto a todos os crentes por Aquele que venceu a angústia da morte.

A primeira batalha da guerra contra o pecado terminou assim e o alicerce da cidade de refúgio foi bem lançado e solidamente lançado.

“Tis finished, all is finished, Their fight with death and sin:
Fling open wide the golden gates And let the victors in. (1)

Mais tarde, Aquele que chama as coisas que não são como se fossem, mostrou ao Seu servo, S. João, a Nova Jerusalém, completa até a última torre e parapeito, surgindo da rocha, como que por magia, eterna, silenciosa, bela, única.

4. A Luz Brilha para Dentro.

Os raios da cruz, como os raios concentrados dos raios X, revelam os segredos íntimos dos corações tristes e famintos da humanidade.

O pródigo, na terra longínqua, desejava intensamente saciar sua fome com as bolotas que os porcos comiam - e ninguém lhe dava nada! (Lucas 15.16). O idólatra, nos tempos de Isaías, se alimentava de cinzas (Isaías 44.20), e Salomão verificou que toda a sua sabedoria foi apenas uma caça atrás do vento (Eclesiastes 1.17).

A boca do homem reclama de pão para o corpo e a mente do homem requer o pão que fortalece seu coração e refresca a sua alma (Lamentações 1.11). Este pão precisa ter três qualidades. Em primeiro lugar, precisa ser pão verdadeiro, em contraste com tudo que é falso ou que não tem realidade. Em segundo lugar, há de ser pão vivo, em contraste com tudo que está sob a sombra da morte. Em terceiro lugar, precisa ser o Pão de Deus, aquele do qual Ele mesmo Se alimentou (Lucas 4.4), antes de ministrar satisfação a mim, Seu filho.

Havendo estas três qualidades, então a família de Deus pode assentar-se com o Pai à mesma mesa.

Nosso Senhor nos assegura que o Pão que Ele nos dá é a Sua própria carne, dada pela vida do mundo, e acrescenta: *“Se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos”* (6.53). A Cruz é o celeiro donde nos vem este pão, e onde muito somos ensinados a respeitar de sua natureza e poder para saciar.

Primeiro, aprendemos que *“o verdadeiro pão do céu é Meu Pai Quem vos dá”* (6.32). O adjetivo *“verdadeiro”* nesta passagem significa o que é substancial, nutritivo, em contraste com tudo que é ilusório e irreal; é a concepção mais perfeita de alimento que sustenta. Em segundo lugar, *“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente”* (6.51); como Aquele que vive, Ele pode comunicar a vida que possui. Terceiro, é *“o pão de Deus”* (6.33), não simplesmente o que Ele dá, mas aquele do qual Ele próprio já participou. No Antigo Testamento, frases como: *“o pão de seu Deus”* (Levítico 21.6) e *“o meu pão”* (Ezequiel 44.7), são usadas para descrever a gordura e o sangue das vítimas oferecidas em

sacrifício e aceitas no altar. Certas partes da oferta pacífica eram reservadas para o fogo, enquanto que o resto era dado ao ofertante e à sua família para sustento.

As partes que foram consagradas ao fogo obre o altar são chamadas o Pão de Deus, e assim nunca podiam ser o pão do homem. Deus nunca podia estar satisfeito com as limitações da Lei e respeito da constância dos sacrifícios, mas Cristo, *“tendo oferecido um único sacrifício pelos pecados”* (Hebreus 10.12), aperfeiçoou para sempre os santificados, foi abolida a restrição e os homens não apenas podem, mas precisam, comer a carne e beber o sangue do Filho do Homem.

Neste capítulo S. João dirige a plena luz que dimana da Cruz sobre o adorador banqueteadando-se na Casa de Seu Pai. Os que comem e bebem participando de uma tal mesa, verificam que *“a Minha carne é verdadeira comida, e o Meu sangue é verdadeira é bebida”* (6.55); neles se cumpre a promessa: *“entrarei na sua casa e cearei com ele, e ele comigo”* (Apocalipse 3.20).

O pródigo descobre que na casa do Pai houve sempre bastante e de sobra; Efraim dirá: *“Que tenho eu com os ídolos?”* (Oseias 14.8); o idólatra virá de seu prato de cinzas frias para a mesa ampla de pão e do bezerro cevado na casa do Pai.

Toda e qualquer fome no coração humano, seja de amor, de paz, de pureza ou de justiça, fica amplamente saciada neste banquete; qualquer sede pelos prazeres à mão direita de Deus fica satisfeita neste *“banquete de vinho”* (Ester 5.6).

*Ele é o meu caminho, para os desviados,
Manto para quem estiver nu;
E para quem estiver com fome é o Pão,
E para o fraco, quão forte Ele Se mostra!*

(Giles e Phineas Fletcher – século XV)

5. A Luz Brilha para a Frente.

Em quinto lugar, e por último, a luz penetra o futuro e ilumina nossa frente. A estrada que nossos olhos não sabem discernir entre as sombras do futuro, que nos parece tão sombria e desconhecida, a Cruz ilumina, porque o Precursor, o nosso Guia e Consumador da carreira, já nos disse: *“Quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que onde Eu estou, estejais vós também”* (14.3).

Um trabalho glorioso aguarda o Agradável e o Valente; embora tenha dito: *“Tenho consumado a obra que Me deste a fazer”*, resta-Lhe ainda completar o edifício e colocar a Pedra de Esquina no seu lugar. Somente quando tiver feito isto é que o templo estará digno do alicerce preparado por Ele no Calvário.

Primeiro, Ele precisa *“reunir em um só corpo os filhos de Deus que andam dispersos”* (11.49-53). O sumo sacerdote Caifás profetizou que convinha que um homem morresse pelo povo hebraico, mas ali suas simpatias pararam!

O Evangelista acrescenta seu comentário característico, *“e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus que andam dispersos”* (11.52); e nos informa ainda, que *“desde aquele dia, resolveram matá-lo”* (11.53).

Em segundo lugar, como o grão de trigo, Ele devia produzir o *“muito fruto”* (15.1) pelo qual o Nome do Pai seria glorificado.

Este vasto programa foi esboçado em resposta ao desejo dos gregos: *“Senhor, queremos ver Jesus”* (12.20-26). Eles vieram apalpando nas trevas como os representantes e os precursores do vasto mundo pagão . O Redentor conhecia o Grego tão bem quanto conhecia o Judeu e, na Sua resposta, lançou mão do único ponto vital de contato entre a religião da Hélada e a fé do Cristo.

Entre os mistérios gregos, o mais famoso foi aquele celebrado anualmente em Elêusis; comemorava o mito de Deméter e sua filha Perséfone, no qual, a semente era guardada por algum tempo na escuridão embaixo da terra, mas, no tempo próprio, era libertada e, voltando à luz do céu, cumpria seu destino, primeiramente, no verde vívido da primavera, na glória dourada da colheita e, finalmente, na dádiva do pão para o sustento do homem.

S. Paulo, escrevendo para os gregos em Corinto, ao revelar a verdade a respeito da ressurreição do corpo, referiu-se ao mesmo mistério. Aprenderam da sua própria religião, lendo na luz mais clara da natureza mesma, que aquilo que chamamos de morte é, na realidade, a porta para a vida; não é a semente guardada, mas a semente sacrificada, que traz a alegria da colheita.

“Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto” (12.24). Foi este o caminho trilhado por nosso Senhor, e nisto, como em tudo mais, nos deixou um exemplo para que seguissemos as Suas pisadas.

Dedicou-Se a uma cruz pesarosa e a um sepulcro sombrio, mas Seu Calvário já brotou numa fertilidade maravilhosa; ganhou para nós vida

pela Sua morte e alegria pela Sua tristeza. Mas Ele fala, não apenas de Si mesmo, mas a nós também.

Seu povo está chamado a morrer diariamente e, no Seu serviço, há de ser crucificado, não somente para o que é pecaminoso, mas igualmente para muitos desejos e hábitos que parecem inócuos e inocentes.

Aquele que deseja salvar outros não pode salvar-se a si mesmo. Quem deseja ser uma bênção há de vigiar com Cristo na sombra das oliveiras do Getsêmani, carregar sua cruz até o monte de Gólgota com a zombaria e vitupério. Somente o vaso quebrado pode encher o mundo com a fragrância do unguento de tal preço. Somente o discípulo que cai no chão e morre, ressurgindo para a nova vida, é que pode produzir muito fruto ou ganhar almas para o louvor de seu Mestre.

Faz anos, numa pequena cidade na China Central, um grupo de missionários se reuniu para planejar um avanço a fim de obter um lugar entre uma tribo ainda não evangelizada. Todos concordaram que os pioneiros em melhores condições para esta empresa eram um casal jovem, abençoado por duas crianças. O líder do grupo, virando-se para a mãe, disse: “Compreende que, se aceitar a incumbência, as crianças e o casal estarão pelo menos quatorze dias distantes de qualquer auxílio médico?” Com sorriso ela respondeu: “Pois não, mas já se esqueceu de que vim para a China no serviço do Rei?”.

É necessário dizer mais?

.oOo.

ESTUDO 4

A GLÓRIA DA SUA PREEMINÊNCIA

Passagens no evangelho de S. João sobre esse assunto:

3.13 Ninguém subiu ao céu, senão Aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem que está no céu.

6.62 Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?

7.37-39 Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crer em Mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto Ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nEle cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.

12.14-16 E Jesus, tendo conseguido um jumentinho, montou-o... Seus discípulos a princípio não compreenderam isto; quando, porém, Jesus foi glorificado, então eles se lembraram...

13.31-32 Agora foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nEle; também Deus o glorificará nEle mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente.

14.12-13 Aquele que crê em Mim fará também as obras que Eu faço e outras maiores fará, porque Eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em Meu Nome, isso farei; a fim de que o Pai seja glorificado no Filho.

15.8 Nisto é glorificado Meu Pai, em que deis muito fruto.

16.14 Ele Me glorificará, porque há de receber do que é Meu...

17.22 Eu lhes tenho transmitido a glória que Me tens dado.

17.24 Para que vejam a Minha glória que Me conferiste.

21.10 Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus.

Temos considerado a sua preexistência, as Suas pisadas de luz, e a Sua Paixão de Amor, como manifestações da glória de Deus, reveladas no evangelho segundo S. João.

Resta-nos a tarefa de pesar bem as acepções da entronização do Senhor Jesus descrita nas passagens que acabamos de citar. É nosso privilégio observar a atividade de Sua mente santa, serenamente contemplando o gozo que Lhe estava proposto, e não menos as providências que estava tomando para a segurança do pequeno rebanho, como Ele o deixou, aparentemente e à vista dos homens, exposto à hostilidade do lobo e à negligência do mercenário.

Quanto a Si mesmo, fazia então trinta e três anos que Ele deixara atrás de Si a luz do céu, e se preocupava naquela ocasião com a volta para o lugar de onde viera. Parte sem a mais leve sombra de dúvida; nenhuma mancha jamais houve em Sua consciência; nem um só desvio da linha reta da vontade de Deus desfigurava o Seu caminho; só Ele entre os filhos dos

homens, não precisará de misericórdia, pelo contrário, pode requerer, como direito absoluto, a coroa, o cetro e o trono.

As portas levantarão suas cabeças e as entradas eternas se levantarão para dar as boas vindas ao Rei da Glória, mas Ele não voltará como saiu. Saiu sozinho, mas no Seu regresso será seguido por uma multidão que ninguém poderá contar.

Na Sua ascensão levou consigo uma nova ordem de Humanidade para o céu; foi saudado como Sumo Sacerdote e entrou no Santo dos Santos em virtude de Seu próprio sangue e como que levando em Si *mesmo as cicatrizes do Seu sofrimento*.

No seu Evangelho, S. João desenvolve quatro resultados da Glorificação de Jesus, cada um com a sua ilustração apropriada.

(a) O Filho Entronizado derramou o dom do Espírito Santo; ilustrava isto, a figura da água viva correndo pelos corpos dos bois de pedra no templo (cap. 7)

(b) O Senhor Entronizado reclama autoridade absoluta sobre aqueles que receberam este dom: disto é figura o jumento governado pela mão de Cristo (cap. 12).

(c) O Redentor Entronizado concede o poder de fazer obras maiores que Ele mesmo fez nos dias da Sua carne, representa isto a alegoria da videira e suas varas (caps. 14 e 15).

(d) O Salvador Entronizado promete que voltará e nos receberá para Si mesmo; disto, as muitas moradas e os hóspedes celestes são os símbolos escolhidos (caps. 14: 1-3 e 23).

A.Os rios de água viva (7. 37-39).

No último dia, o oitavo e grande dia da festa dos Tabernáculos, nosso Senhor pôs-se em pé e clamou: “*Se alguém tem sede, venha a Mim e beba*”. Mudou Ele, então, a figura de beber para a de crer e, à promessa de satisfação completa, acrescentou o prospecto do próprio homem sedento se tornar numa fonte permanente de rios de água viva a correr em favor de outros.

Esta declaração foi condicionada ao acontecimento essencial, o da glorificação de Jesus.

O perito em dispensações nos lembrará, com justiça, que a glorificação de Jesus era um fato histórico, consumado uma vez para sempre. É verdade, mas temos que nos lembrar que a crucificação, a ressurreição e a ascensão de Cristo eram também fatos dentro do quadro

da história, mas, em virtude da nossa união com Ele, se tornam experiências especiais distintas para nós.

Se temos a visão bastante clara para passar além da mera orla da verdade, verificaremos que a condição do v. 39 é da mais profunda importância. O fato de que, em nós, a glorificação de Jesus tem-se dado duma maneira tão limitada, é o que explica a insuficiência e falta de visão tão comum entre nós. Sublinhemos fortemente as palavras: *“O Espírito até aquele momento não fora recebido porque Jesus não havia sido ainda glorificado”*. Somente os míopes, os que não podem “ver de longe”, estarão em desacordo com o poder atual destas palavras.

A promessa baseia-se na frase *“como diz a Escritura”*; em outros casos esta fórmula se refere a alguma determinada citação do Antigo Testamento, e os estudiosos têm gasto muito tempo e esforço na procura da origem das palavras *“do seu ventre manarão rios de água viva”*, mas tudo em vão. Não existe vestígio de tal frase, nem no hebraico nem no grego, nem em quaisquer outros escritos apócrifos.

Na ausência de qualquer outra solução, seja-nos permitido oferecer uma sugestão. Nosso Senhor pronunciou estas palavras no pátio do templo de Herodes. A alguns metros apenas de onde Ele estava, havia uma grande bacia um mar de bronze, na qual havia, em reserva, uns cento e quarenta mil litros de água usada no serviço do santuário.

Esta bacia de água tinha três metros de altura e quinze de circunferência e repousava sobre as figuras de doze bois de bronze, todos com o rosto para fora e *“cujas partes posteriores convergiam para dentro”* (1 Reis 7.23-26).

A água corria por canos do reservatório em cima, passava pelos corpos dos bois e, saindo das suas bocas, fornecia água para o serviço do templo. Este incluía a lavagem dos pés e das mãos dos levitas e o dessedentar dos sacerdotes e do povo.

Os bois representam os que *“se afadigam na palavra e no ensino”*. O leitor se lembrará como S. Paulo compara-se a si mesmo e aos seus companheiros com bois *“lavra com esperança”* e lavra *“com esperança de receber a parte que lhe é devida”* (1 Timóteo 5.17-18; 1 Coríntios 9.10).

O paralelo é tão claro como perfeito. Jesus, uma vez glorificado, mandou de cima o suprimento de Seu Espírito em abundância, passando a água pelos doze canos escolhidos, isto é, Seus apóstolos.

Desde o dia do Pentecostes, milagre semelhante, mas em escala menor, tem-se repetido em milhares de vidas santas. Até hoje, a lei está de pé: se um homem separa-se para o Evangelho de Deus, oferece seu corpo

como sacrifício vivo ao seu Mestre, receberá os dons de poder espiritual de expressão santificada.

Assim, o ato de enviar o Espírito Santo é o primeiro resultado da entronização do Salvador.

B.Cristo e o jumento na encruzilhada.

As rédeas da vida nunca estão em mãos seguras antes de Jesus ser glorificado. Quando o Espírito de Deus entra, na Sua plenitude e poder, o problema da direção na vida surge logo.

Vê-se isto claramente no incidente do jumento que o Senhor encontrou e requisitou; mais uma vez, os fatos são claros e simples, mas não podiam ser compreendidos antes que Jesus estivesse glorificado (12.12-16).

Nas narrativas dos três primeiros evangelhos, Jesus manda dois de Seus discípulos ao encontro do jumento e trazê-lo; os evangelistas registram a conversa que houve entre os mensageiros e os donos do jumento... e muito mais ainda. S. João passa por cima de tudo isso contando-nos apenas que Jesus mesmo achou o jumento e o montou.

Em todo o Antigo Testamento, o jumento é usado para representar o homem natural, voluntarioso: “O homem vão é falto de entendimento; sim, o homem nasce como a cria do jumento montês” (Jó 11.12 – VC; 39.5-8).

Constitui uma reprovada bem acertada ao orgulho e teimosia do homem o fato de, sob a Lei de Moisés, ficarem lado a lado perante o altar a cria do jumento e o primogênito da família hebraica, e de terem de ser resgatados ambos pelo mesmo preço. Se o sangue do cordeiro não fosse derramado, como reconhecimento da redenção, o pescoço do jumento tinha que ser quebrado e a vida do primogênito sacrificada (Êxodo 13.13).

Eis aqui, pois, o quadro visto por S. João. O Senhor precisa do jumento e reclama-o para Seu serviço. Se o jumento pudesse falar, como uma vez uma jumenta entregou sua mensagem a um profeta, diria: “Senhor, estou pronto a entregar-me a Ti, mas nunca deixei meu lugar ao lado da minha mãe, nem conheço o jugo. Força não tenho para suportar o Teu peso e nem conheço o caminho a seguir”.

Então o Senhor responderia: “Tenho poder suficiente para ti e para qualquer fardo; sou Eu mesmo o Caminho, e com a Minha mão nas rédeas, cada metro da estrada se tornará iluminado e claro”.

Na ocasião, os discípulos viram apenas o jumentinho e a encruzilhada, sem noção do significado mais profundo. Somente depois de

Jesus ser glorificado e de eles mesmos receberem o Espírito Santo, se lembraram de que Jacó e Zacarias falaram destas coisas, e com aquela lembrança, cada detalhe da narrativa brilhava com uma luz celeste.

No leito de morte, o patriarca Jacó, em visão, vira o Messias. O Siló que dá descanso, amarrando o seu jumentinho à vide e o filho de sua jumenta à copa mais excelente (Gênesis 49.11).

O profeta Zacarias exclamou: *“Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis aí te vem o teu Rei, Justo e Salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta”* (Zacarias 9.9).

A recepção e a plenitude do Espírito haviam transformado toda a sua capacidade para entender e, meditando sobre a cena no lugar “fora da porta, entre dois caminhos”, se lembraram das Escrituras e perceberam as possibilidades gloriosas de uma vida entregue a Deus.

No Senhor Jesus, reconheceram o padrão de autoridade absoluta, repousando nas mãos dAquele que disse: *“Agrada-Me fazer a Tua vontade, ó Deus Meu”* (Salmo 40.8). No jumento discerniram a nossa teimosia obstinada na presença dAquele *“em cujo serviço está a perfeita liberdade”*. Assim, o Senhor entronizado reclama o serviço dos que receberam o dom do Espírito Santo.

C.A videira e as varas.

O ponto de partida para esta alegoria se encontra num dito de nosso Senhor que reza assim: *“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que Eu faço e outras maiores fará, porque Eu vou para junto do Pai”* (14.12-13). A isto se acrescenta uma promessa irrestrita, a de que, qualquer petição apresentada em o Nome do Filho será atendida, e isto *“a fim de que o Pai seja glorificado no Filho”*.

É claro que estas coisas maiores só poderiam ser feitas depois da ascensão de nosso Senhor.

Em que sentido poderá um simples discípulo fazer obras maiores do que aquelas feitas por Jesus nos dias da Sua carne? É uma declaração difícil de compreender, não resta dúvida, mas o que nunca devemos fazer com tais declarações é pô-las de lado ou rejeitá-las!

Primeiro, notemos que na segunda cláusula, a palavra *“obras”* não se encontra no original Cristo não estava se referindo, em primeiro lugar, a milagres ou maravilhas no sentido técnico do termo, mas à toda a missão concedida aos discípulos para o século que então se abria.

O Senhor acabava de chamar a atenção para a distinção entre os milagres na esfera material e aqueles realizados na espiritual. “Qual é mais fácil? Dizer ao paralisado: *Estão perdoados teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?*” (Marcos 2.9).

Por nossa vez, podemos perguntar: “Será mais fácil restaurar a saúde à carne putrefata de um leproso do que purificar o coração de um pecador, tornando-o como o de uma criancinha? Será menos difícil estender a mão e dar força aos ossos do tornozelo de um aleijado do que falar no poder do Espírito Santo de modo que homens se levantem do pó e se mostrem senhores do que outrora os dominava?”

Nenhuma interferência com o que nos agrada chamar de “leis da natureza” pode ser tão grande como o é pregar Cristo ressuscitado e exaltado, com o resultado de que os templos de idolatria caíam em pedaços e santuários de pedras vivas se levantem em seu lugar.

As obras que Cristo está fazendo hoje em dia por meio de Seus servos são mais profundas do que aquelas que Ele mesmo fez nos dias de Sua carne. Males tais como paralisia, hidropisia e morte fugiram espantados perante Sua palavra e a multidão aceitava prazerosa tais benefícios, mas poucos estavam dispostos a pagar o preço pelas bênçãos espirituais que Ele lhes oferecia.

A mensagem atual, trazida por Seus arautos, trata de perdão dos pecados, paz para os aflitos e descanso para os Carregados. Pedro e Paulo, no passado, Moody e Spurgeon em nossos dias, foram usados para sarar a alma como Ele curou o corpo. A obra é mais profunda, e assim é maior também.

O ministério dos delegados de Cristo é mais duradouro do que o que Ele fez, há tanto tempo, como obreiro solitário na Galileia e Judeia. As curas pela Sua mão eram abençoadas, mas de pouca duração; os olhos de Bartimeu se escureceram outra vez na morte, e Lázaro voltou à sepultura pela segunda vez.

É privilégio de Seus discípulos espalhar a semente da vida eterna e a morte apenas eleva a obra até seu coroamento. A obra é permanente e, portanto, maior.

Finalmente, a obra da hora atual é mais vasta do que aquela que Ele fez nesses luminosos, mas poucos anos de Sua vida na terra. A Vontade do Pai já decretara que o serviço se restringisse a uma insignificante província romana. Ele mesmo disse: “*Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel*” (Mateus 15.24). De Pentecostes em diante, a colheita tem abrangido as florestas da Grã-Bretanha, a selva da Índia e o gelo do Labrador; em qualquer lugar em que se encontrem desterrados os filhos do

Pai, ali vão os evangelistas incansáveis e os missionários intrépidos. O nosso serviço desconhece fronteiras e neste sentido também é uma obra maior.

Certamente, não temos direito de dizer, como obreiros cristãos individuais, que estamos fazendo coisas maiores que nosso Senhor fez, mas podemos e devemos crer que Sua vida limitada terminou de uma vez, que Ele passou para o pináculo de poder e que Seu cetro se estende sobre continentes e ilhas.

Na alegoria que se segue, o Mestre revela aos Seus discípulos, os segredos de produzir fruto (15.1-9).

Em primeiro lugar, somos ensinados que a vida de nosso Senhor aqui na terra se derivou do Pai e por Ele foi dirigida; como raiz de uma terra seca, como planta delicada de Deus, produziu Seu fruto no tempo próprio.

Depois, aprendemos que somos as varas na videira, tão dependentes de Cristo quanto Ele o era do Pai. O cristão tira seu sustento espiritual do Senhor e sem Ele nenhum poder tem. De modo idêntico, sem o crente, Cristo não pode fazer Suas obras poderosas. A Igreja é o Seu corpo, o veículo escolhido para transmitir o poder de Deus, a plenitude (ou preencher, completar) dAquele que cumpre tudo em todos.

A vida do Senhor Ressuscitado corre para, através e de Seu povo.

1. PARA Seu povo. Na Natureza, a planta, por meio da raiz e rebento, penetra no solo e recebe o fornecimento generoso de sais e humus. Enquanto estava com Seus discípulos, eles tiraram diretamente dEle o sustento para suas almas; hoje em dia, nós, não menos favorecidos, recebemos a Palavra viva pelo Espírito Eterno e assim estamos purificados e iluminados.

I am the True Vine, said our Lord, and ye,
My brethren, are the branches and that vine
Then first uplifted in its place, and hung
With its first purple grapes since then has grown
Until its green leaves gladden the world,
(1) João 15:1-9.

And from its countless clusters rivers flow
For healing of the nations, and its boughs
Innumerable stretch through the earth,
Ever increasing, each one intertwined
With, each, all living from the central heart,
And you and I, my brethren, live and grow,

Branches 07 that immortal human stem.
("The Disciples")

2. ATRAVÉS de Seu povo. Na planta, de raiz e haste, galho e flor, rebento e botão, tudo sente a corrente da vida paternal. A chave do parágrafo está na palavra-chave "*permanecer*", encontrada doze vezes em dezesseis versículos. À medida em que deixamos de lado o nosso "eu" e o exercício de nossa própria força, aprendemos a nos abandonar a Ele enquanto toca cada aspeto da nossa vida, em casa ou no coração, na igreja ou no mercado.

Este último parágrafo trata do aspecto passivo de permanecer; mas há um outro lado do assunto, isto é, a vida ativa em oração. "*Se permanecerdes em Mim, e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito*" (15.7).

A oração não é um processo pelo qual induzimos Deus a fazer alguma coisa porque nós a desejamos, mas é o método pelo qual cooperamos com Ele em perfeito acordo com Sua vontade, revelada a nós, ou pela Sua Palavra, ou em nossos corações.

Um cultivador de laranjas na Palestina explicou-me uma vez a cultura da assim chamada "laranja-lima". O sistema de enxerto é complicado, mas o ponto principal é que o cultivador procura produzir fruto que retenha a natureza essencial do pé de laranja original, mas, ao mesmo tempo, apresente a forma e fragrância de uma qualidade superior.

3. DE Seu povo. Todo o trabalho de plantar, podar, cultivar e enxertar tem apenas uma finalidade, isto é, a produção de fruto o mais perfeito possível. Toda a disciplina bondosa do Pai, manifestada no aperto das circunstâncias da nossa vida, pobreza ou doença, tudo isto, e mais ainda, contribui para o melhoramento da qualidade e aumento da quantidade do que produzimos para Cristo e do serviço que podemos prestar aos nossos semelhantes.

O salmista confessa que "*na angústia me tens aliviado*" (Salmo 4.1) e disto a literatura dos cárceres do mundo, seja de José no calabouço, de Jeremias no tronco, de S. Paulo em Cesareia ou de João Bunyan no cárcere de Bedford, oferece ampla ilustração.

D.A glória da vinda do Senhor.

S. João faz referências duas vezes mais à glória de Deus, mas uma delas trata da morte de S. Pedro o como um meio de glorificar a Deus (João 21.9), o que não cabe na nossa presente meditação.

Concluamos com as Suas palavras: *“Eu lhes tenho transmitido a glória que Me tens dado... A Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste, para que vejam a Minha glória que Me conferiste”* (João 17.22, 24).

Nesta passagem temos duas proposições apresentadas. Primeiro, que o Filho compartilhou com Seus discípulos a glória que recebeu do Pai. O resultado desta dádiva será a formação duma unidade que, quando se torne visível, induzirá o mundo a aceitá-lo como o Enviado do Pai e a crer que Deus ama aos homens que deu ao Filho. Em segundo lugar, que Cristo nunca cessará de trabalhar até que tenha ao redor de Si, em comunhão perfeita, Sua família toda.

Tais desejos só poderão estar plenamente satisfeitos depois da Segunda Vinda e isto naturalmente sugere uma revisão final do ensino de nosso Senhor a respeito desta Vinda, na forma que nos deixou S. João.

Como de costume, ele trata do assunto de um ponto de vista bem diverso do de seus irmãos evangelistas. Estes nos contam muita coisa acerca da volta do Redentor, mas, quase na sua totalidade, em linguagem tirada do Antigo Testamento. Estas predições se encontram principalmente nas parábolas de nosso Senhor e na profecia pronunciada no Monte das Oliveiras.

O quarto Evangelho nada disso guardou e, para dizer a verdade, muito pouco nos tem a contar de qualquer volta de Cristo visível ou futura. Ele prometeu aos discípulos voltar e recebê-los para Si mesmo. Perguntou também a Simão Pedro: *“Se Eu quero que ele [João] permaneça até que Eu venha, que te importa?”* (21.22). Mas, em geral, nosso Senhor se ocupava mais com Suas relações espirituais com os Seus e com as visitas que faria a eles.

S. João nos deixa perceber que não adianta discutir uma visão do Filho do Homem vindo nas nuvens do céu, sem ter previamente gozado da Sua morada em nossos corações pela fé. Ele não permite que haja uma separação entre o cristão e seu Senhor, nem que seja por uma finíssima folha de papel! Fomos chamados a uma intimidade tão profunda, tão cheia de ternura, que pode ser comparada somente com a entrada de Pessoas divinas, prontas a fazer conosco morada, para ceiar conosco e nós com Elas.

As memórias do falecido Lord Moynihan, da cidade de Leeds, na Inglaterra, nos relatam como o célebre cirurgião foi convidado a operar

perante um grupo de colegas de alta categoria. Um amigo perguntou-lhe depois: “Como pôde trabalhar tão bem com tanta gente ao redor?”. E ele respondeu: “É assim; quando estou operando, existem apenas três pessoas na sala de operações: o paciente e eu”. “Três? O senhor mencionou apenas duas. Quem é a terceira?” e o cirurgião respondeu: “Deus”.

Haverá coisa de mais importância para nós do que esta, de conseguir este sentido da proximidade e presença de Deus?

Ganhar isto será verdadeiramente a vida; faltar esta experiência será perder a coroa da vida.

A promessa é feita aos que abrem a porta do coração quando Ele bate: *“Entrarei em sua casa, e cearei com ele, e ele, comigo”* (Apocalipse 3.20).

És meu Amigo — no perigo ou dissabor;
Sempre comigo Tu estás, Senhor.
Tu és quem me guia nesta peregrinação,
E, Senhor, desfruto Tua proteção.
Perto, mais perto,
Vem mais perto, Tu, de mim.
Perto, mais perto,
Sempre, até o fim.

“That glorious form, that light insufferable
And that far-beaming blaze of Majesty
Wherewith He wont at Heaven’s high council-table
To sit the mids of Trinal unity.
He laid aside; and here with us to be,
Forsook the courts of everlasting day
And chose with us a darksome house of moral clay”
(John Milton)

“Tis finished, all is finished,
Their fight with death and sin;
Fling open wide the golden gates
And let the victors in”
(H. Alford)

“I am the True Vine, said our Lord, and Ye,

My brethren, are the branches and that vine
Then first uplifted in its place, and hung
With its first purple grapes since then has grown
Until its green leaves gladden half the world,
And from its countless clusters rivers flow
For healing of the nations, and its boughs
Innumerable stretch through all the earth,
And you and I, my brethren, live and grow,
Branches of that immortal human stem”
 (“The Disciples”)

.oOo.